

Em (con)usão: o Cangaço como patrimônio entre disputas no Ceará (1988 - 1995)

Vagner Silva Ramos Filho ¹

Resumo: O trabalho decorre de reflexões sobre as historicidades das (contra) comemorações ao centenário de nascimento do cangaceiro Lampião, ocorridas no Ceará, em fins da década de 1990; investigação na qual problematizamos a memória do cangaço enquanto elemento de identificação da região do Nordeste brasileiro. Embasados no intuito que contorna a apreensão da institucionalização estatal das efemérides, propomo-nos na presente comunicação a analisar rememorações sobre o cangaço entre os anos de 1988 e 1995. Com isso, buscamos entender suas significações envoltas em fusões e contendas relativas às ditas identidades nordestinas, tendo em vista as ressonâncias deste imbróglio em uma patrimonialização do fenômeno, tornada mais patente em virtude da reestruturação das políticas culturais cearenses em curso no período.

Palavras-chave: Memória; Cangaço; Patrimônio.

O cangaço foi um fenômeno social de banditismo vivenciado na zona rural da região do Nordeste brasileiro entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. Embora tenha findado há anos, encontramos muitos desdobramentos em torno da experiência.

Em finais da década de 1990, algumas cidades nordestinas, sobretudo as que os cangaceiros passaram, tornaram-se palco para várias comemorações ao centenário de nascimento do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião, àquele que carrega o epíteto de “Rei do Cangaço”.

Lampião nasceu no sítio de Passagem das Pedras, atual município de Serra Talhada, mas sua data de nascimento é duvidosa, enquanto alguns afirmam ter sido em 07 de julho de 1897, outros sustentam que foi em 04 de junho de 1898. A data de morte não tem tanta indistinção, o cangaceiro morreu na Grota de Angicos, município de Poço Redondo, em 28 de julho de 1938.

O presente trabalho, entretanto, não se trata de uma história da vida de Lampião, sim de uma história da memória do cangaço, refletida com base em nosso estudo acerca das

¹ Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: vagner_amosf@hotmail.com. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio e Memória (GEPPM - UFC). Orientador: Dr. Antonio Gilberto Ramos Nogueira. Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

(contra) comemorações ao centenário de nascimento do cangaceiro, ocorridas no Estado do Ceará, em maior medida, nos anos de 1996, 1997 e 1998.²

Considerando que as comemorações possuem historicidade própria, optamos em expandir o recorte temporal de investigação entre os anos de 1988 e 2008, período balizado pelas comemorações de morte ao cangaceiro - cinquentenário em 1988, sexagenário em 1998 e septuagenário em 2008. A proposição convém porque permite que, além de analisarmos as efemérides em atividade, compreendamos as condições que a ocasionaram, assim como as marcas que deixaram.

Em sintonia, interessa-nos problematizar as relações entre as reconstruções da memória do cangaço e as ditas identidades nordestinas. Assim, buscamos entender o (por) que se lembra e o (por) que se esquece, “levando em conta os interesses de quem articula as maneiras de dividir o tempo em durações específicas, ora ressaltando continuidades ou tradições, ora reivindicando rupturas ou novidades” (RAMOS, 2011, p. 248). Para tanto, analisamos as diferentes experiências sociais de alguns dos sujeitos que se envolveram com as comemorações ao centenário: cineastas, cordelistas, ex-cangaceiros, familiares, intelectuais, memorialistas e vítimas do cangaço.

Nesse texto em específico, refletimos brevemente sobre o período que antecede as comemorações. Para depreendê-lo, observamos as vivências de Rosemberg Cariry, cineasta cearense que em suas produções abordou o tema do cangaço diversas vezes; Daniel Lins, intelectual pernambucano que desenvolveu estudos sobre o imaginário sertanejo em torno de Lampião; Hilário Lucetti, memorialista cearense que produziu um livro com biografias de vários cangaceiros.

A partir desse panorama, buscamos entender: Por que aconteceram as comemorações ao cangaceiro Lampião? Quais fatores podem ter contribuído com a institucionalização das efemérides? Que acordos e conflitos circundam as memórias do cangaço?

Em 1988, após cinquenta anos dos acontecimentos de Angicos, poucas parecem ter sido às rememorações cearenses ao cangaço que fizeram alusão ao cinquentenário de morte de Lampião ou aos outros, dez cangaceiros e um volante, mortos no mesmo confronto.

² O prefixo (contra) que antecipa a palavra comemorações é utilizado para destacar o caráter de disputas das memórias do cangaço que acontecem no acontecimento e enfatizar nossa intenção em analisar as várias comemorações em jogo.

Os poucos indícios são instigantes, afinal, da mesma forma que “Freud mostrou que no caso da memória individual seria mais importante dar atenção aos esquecimentos do que às lembranças, é possível que se compreenda melhor uma sociedade considerando o que ela não comemora, mais do que comemora” (CANDAUI, 2012, 150). Que teria acontecido, portanto, para que vários sujeitos comemorassem o centenário de nascimento do cangaceiro?

Tentativas de resposta passam, possivelmente, pela elucidação do surgimento de uma cultura da memória no mundo contemporâneo ocidental e seus efeitos. Nessa perspectiva, importante sinalizar a obra *Les Lieux de Mémoire* (1984 - 1992) organizada pelo historiador Pierre Nora sobre o caso na França, trabalho que se tornou referência, seja para refinar ou refutar seus diagnósticos acerca da situação, sem mencionar as muitas apropriações da expressão assinalada no título, o que evidencia o próprio interesse público em torno do assunto.

O estranhamento com demasiada preocupação pela memória, manifesta na obra de Nora, também incentivou o crítico literário Andreas Huyssen a interpretar essa conjuntura histórica. Para Huyssen (2000, 9), a “volta ao passado no final do século XX contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX”, relaciona-se com as transformações de experiências de tempo e espaço que teriam sido desencadeadas pela expansão global da cultura e política da memória; processos de democratização; luta por direitos humanos; expansão e fortalecimento das esferas públicas da sociedade civil; comercialização da memória na indústria cultural (HUYSSSEN, 2000, p. 34-35).

No Brasil, podemos inferir que os contornos dessa cultura foram vigorados com a redemocratização do país e a promulgação de uma nova constituição na segunda metade da década de 1980. As premissas expressas no documento garantiram, entre outros ganhos, o direito à memória, atribuição reconhecida como um dos suportes para a construção da cidadania que se aspirava.

Nesse contexto de incitações, diversos grupos sociais intensificaram suas reivindicações proporcionando, inclusive, uma interpelação do tempo. Devido à contraposição aos marcos instituídos na memória oficial, busca de redefinição identitária capaz de contemplar a multiplicidade da cultura, recorrência a auto-historicização e/ou demais motivos, nota-se como:

não são apenas os antigos marginalizados da história oficial que alimentam o desejo de recuperar o seu passado desaparecido. São todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, que, a exemplo das etnias e das minorias sociais, experimentam o desejo de partir para a pesquisa de sua própria constituição, de reencontrar suas origens (DE DECCA apud NORA, 1992, p. 133).

Na região do Nordeste, todo esse empreendimento fez com que a memória do cangaço fosse bastante valorizada. O historiador Marcos Clemente (2009, p. 27), ao observar as formas e significados da sobrevivência do fenômeno na memória coletiva de cidades nordestinas entre 1950 e 1990, particularmente em Mossoró (RN), Serra Talhada (PE), Triunfo (PE), Piranhas (AL), Poço Redondo (SE) e Paulo Afonso (BA) sinaliza como a maioria dos esforços comprometidos com o *revival*, principalmente os museais, efetua um trabalho em que seja evitada a “dicotomia ‘herói X bandido’ e se considere a experiência histórica do cangaço para uma compreensão dos atuais problemas do sertão nordestino”, sobretudo, os ligados a questão da seca, fome e latifúndio. Com efeito, destaca-se que em 1993 fora criada a Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC), instituição que passou a congrega desde então, sobretudo, os memorialistas do cangaço.

No estado cearense, ressonâncias em torno dessa memória também chamam atenção. Inicialmente, perceber algumas das experiências de Rosembeg Cariry, Daniel Lins e Hilário Lucetti no período em destaque podem cooperar com o entendimento das suas respectivas disposições para com o cangaço.

Rosembeg Cariry estreou seu primeiro longa-metragem *Caldeirão da Santa Cruz do Deserto* em 1986, documentário acerca das comunidades religiosas cearenses de Baixa D’Anta e Caldeirão, lideradas pelo beato José Lourenço, datadas do início do século XX. Ressalta-se que a produção conta com relatos de remanescentes da comunidade e logo nos momentos iniciais, em cena dedicada a contextualizar a comunidade, apresenta beatos e cangaceiros como signos ditos populares; muito embora o diretor tenha concedido maior destaque ao cangaço apenas na produção seguinte, *A Saga do Guerreiro Alumioso* em 1993, ficção que retrata os conflitos pela posse de terra em Aroeiras, cidade fictícia do interior nordestino, cuja personagem principal é Genésio, um senhor aposentado que costuma contar histórias de valentia dos cangaceiros como maneira de incitar nos moradores o enfrentamento necessário frente às arbitrariedades dos políticos locais relacionadas à questão agrária. Mas ainda sobre o documentário, vejamos o que o locutor comenta na referida contextualização:

Desde as sesmarias o latifúndio divide o Nordeste entre senhores e miseráveis, mas já o povo pobre agitava-se em levantes. Beatos e cangaceiros lideravam as massas oprimidas contra a infelicidade e a fome (...). A falta de democracia no país, a manipulação alienadora e a desumana exploração financeira, retiraram das romarias a expressão de rebeldia popular. Move-se impiedosa a indústria da fé e da miséria (CARIRY, 1993, 4': 43" – 5':46").

Daniel Lins iniciou suas pesquisas sobre Lampião no meado da década de 1980, estudo desenvolvido na França que resultou na tese de doutorado *Imaginário da Ordem e da Violência no Brasil - estudo de um caso: Lampião e o Cangaço*, finalizada no começo dos anos 1990. Em 1993, quando estava como professor convidado da Universidade Federal do Ceará (UFC), participou de um dossiê sobre o cangaceiro, organizado pelo jornal local *O Povo*, em que diferentes intelectuais foram instigados a pensar o “mito herói e bandido que alimenta o imaginário popular nordestino”. Na ocasião, ao ser entrevistado, Lins relatou algumas motivações para a pesquisa, formas de abordagem do assunto e como procedeu as suas análises:

(...) como toda criança nordestina, eu tinha o imaginário de Lampião. Minha ligação maior com ele veio não só por conta disso mas também porque trabalhar o cangaço me levaria a trabalhar o sertão e conseqüentemente o Nordeste. Vim oito vezes ao sertão fazer trabalho de campo, de memória oral. Conversei com os camponeses, com as pessoas que conheceram Lampião, participei de todas aquelas festas. O mapa traçado por mim foi o percorrido por Lampião. (...) Parti para uma leitura antropológica, sociológica e até certo ponto psicanalítica do fenômeno Lampião. Cheguei a conclusão de que quando falamos de Lampião, não falamos de um ser humano, mas de um fenômeno. O homem não existe. Lampião foi uma figura emblemática, tratada o tempo todo como mito, inclusive pelos militares (...). A minha tentativa não foi a de resgatar Lampião, porque não se resgata nada e eu evito essa palavra. Foi sobretudo tirar Lampião da praça pública e levá-lo ao palácio. (...) Eu tinha a preocupação de fazer da minha tese algo como um viagem iniciática e conferir um pouco de visão científica à ideia de herói, não mais a partir do que eu pensava como herói nem do que os militares pensavam como anti-herói (LINS, 1993, p. 4B)

Hilário Lucetti publicou, em parceria com Magérbio de Lucena, *Lampião e o estado maior do cangaço* em 1995, um livro com biografias de cangaceiros. Também se trata de uma obra produzida com base em testemunhos de sobreviventes da época do fenômeno, coletadas em diversos estados nordestinos. Entre os entrevistados encontram-se ex-cangaceiros, ex-volantes, ex-coiteiros, ex-reféns. Na apresentação do livro, quando os autores falam sobre as experiências que constituíram a produção, incluindo as formas que realizaram as entrevistas, sinalizam que:

É o resultado de décadas de trabalho dedicados à reconstituição da epopeia sangrenta que foi a vida do maior bandoleiro do continente americano e dos seus mais importantes chefes de grupo (...). Com esse propósito percorremos todo imenso país dos nordestinos, conhecendo e palmilhando a verdadeira trilha por onde passaram os cangaceiros. (...) Estivemos em todos os palcos entrevistando dezenas de atores aposentados do grande espetáculo que foi o mundo dos cangaceiros... Procurávamos não ter pressa e, acima de tudo, deixar nossos interlocutores bem à vontade, sem estimularmos o ódio ou a admiração. (LUCETTI & LUCENA, 1995, p. 11).

Observando as três experiências, uma das semelhanças parece ser que as produções originam-se da existência de instigante interesse pela maneira como as memórias oralizadas “populares” preservaram o cangaço. Expressa pelos caminhos percorridos, mapeamentos de oralidades realizados e insatisfações com tratamentos sobre o assunto em tons reduzidos, essa indução também informa acerca da característica opulenta, enigmática e épica que compõem uma memória mais generalizada do fenômeno, elementos que talvez elucidem parte da atração que exerce, interesse em conhecê-la e vontade de difundi-la.

Cada um em sua área de atuação, certamente movimentou o cenário cultural cearense com suas impressões do cangaço. Longe de serem restritas aos componentes que alimentaram suas explorações, são recriadas conforme seus lugares na sociedade, em (des)acordos com suas experiências e expectativas enquanto sujeitos históricos que ao mesmo tempo são criados e criadores do mundo que os cerca, marca e demarca.

Suas vivências também aparentam ter disparado novas práticas da memória. Com a percepção da passagem dos cem anos de Lampião, não apenas rememoram o cangaceiro, comemoram seu centenário, trabalhos da memória que se diferenciam. Comemoração, em seu sentido etimológico, tem matriz latina. *Commemorare* exprime trazer à memória, em outras palavras, fazer recordar ou lembrar. Fundadas sob o signo da memória, as comemorações sugerem, em alguma medida, uma ligação cultural entre as pessoas. Assim, concordamos que enquanto “a rememoração configura-se como parte de um processo de elaboração individual, a comemoração procede como trabalho de construção de memória coletiva” (SILVA, 2002, p. 428).

Os sujeitos comemoram, portanto, porque consideram significativo compartilhar a memória do cangaço. Entretanto, importa deixar claro que os significados projetados são múltiplos. Por isso mesmo que, dada a coexistência de diferentes maneiras de construir sentido para o passado, as comemorações geralmente sujeitam-se ao conflito, debate e

polêmica, pois, dificilmente há consenso sobre o que se comemora. A socióloga Elizabeth Jelin, pontua bem tais questões:

os rituais públicos de comemoração são maneiras de expressar sentimentos de pertencimento a comunidade e uma reafirmação das identidades coletivas (...) diferentes atores sociais darão sentidos específicos a estas marcas, segundo as circunstâncias e cenários políticos em que desenvolvem suas estratégias e projetos (JELIN, 2009, 126).

Antes de analisar, porém, as variações das rememorações do cangaço aqui colocadas, pode ser pertinente pensar nos motivos que potencializaram a circulação dessas memórias na cena pública, fator que talvez guarde relação com a institucionalização das efemérides, visto que os empreendimentos desses sujeitos foram fomentados pela iniciativa pública e privada.

Nessa perspectiva, provocador atentar ao considerável financiamento que a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT-CE) concedeu a posterior película de Rosemberg Cariry, *Corisco e Dadá*, cuja filmagem foi iniciada em 1994; a exposição *Cangaço: Ética e Estética* realizada no Centro Cultural do Palácio da Abolição, em 1995, organizada por Daniel Lins; por outro lado, a publicação pela Empresa Cratense de Turismo e Editora (Craturismo) do livro *Lampião e o estado maior do cangaço* de Hilário Lucetti, justamente em 1995, já que os próprios autores afirmam ser resultado de vários anos de produção, também causa certa inquietude. Por que tantos investimentos ao cangaço nesse período?

A crescente valorização parece relacionar-se a reestruturação das políticas culturais cearenses promovidas pelo autodenominado “Governo das Mudanças” e suas propostas de modernizar o Estado. Entre os anos de 1987 e 2002, os governadores foram os políticos Tasso Jereissati (1987 - 1990 / 1995 - 2002) e Ciro Gomes (1991 - 1994). No momento analisado, a SECULT teve como secretários/as, respectivamente, Barros Pinho (1998), Violeta Arraes (1988 - 1990), Augusto Pontes (1991 - 1992) e Paulo Linhares (1993 - 1998). O sociólogo Alexandre Barbalho, em estudo sobre a modernização da cultura cearense, especificamente sobre o lugar das políticas para o audiovisual na indústria cultural durante esse governo, comenta sobre as incumbências da área no projeto mudancista:

Em um primeiro momento, o governo Tasso não percebeu o papel que a área cultural poderia desempenhar no projeto de se estabelecer a imagem de Ceará Moderno. Quando isso ocorreu, ou seja, quando se compreendeu a capacidade da cultura em agregar valores de distinção, ela passou a receber atenção nunca antes vista no Ceará. Tal relacionamento se fortificou quando

a cultura foi vista também como um setor que podia reforçar o desenvolvimento econômico do estado; que podia ser agregada ao processo de modernização, inclusive assumindo um papel de ponta, afinado às principais linhas de força da economia global: a informação e a comunicação. (BARBALHO, 2005, 49).

A lógica de que a “cultura é um bom negócio”, fortalecida nas políticas culturais cearenses com esse governo, parece ser um bom indício para pensarmos a institucionalização das efemérides. Nesse sentido, uma reflexão do historiador Antonio Fernando de Araújo Sá torna-se interessante. Observando os efeitos das políticas de turismo nas batalhas da memória do cangaço travadas entre diferentes grupos sociais, especialmente durante as comemorações ao centenário de nascimento do cangaceiro Lampião nas cidades de Serra Talhada, Triunfo e Poço Redondo, relata que isto “implica no apagamento das divergências em torno da memória (...) e estabelecimento de um relativo consenso sobre a importância do resgate turístico do cangaço para o desenvolvimento socioeconômico do sertão nordestino” (ARAÚJO SÁ, 2011, p. 44). Semelhante ao que vinha acontecendo em outras cidades nordestinas, a institucionalização das comemorações cearenses teria relação, entre tantos outros fatores, com uma crescente mercantilização dessa memória?

De qualquer maneira, é perceptível que as atuações de Rosemberg Cariry, Daniel Lins e Hilário Lucetti no cenário cultural cearense, na medida em que a cartografam, refletem, transformam e difundem essa memória passam a contribuir com um gradativo fortalecimento de uma cultura da memória do cangaço. Por esses caminhos, em que medida também podemos pensar na sua patrimonialização? Importa salientar que, nessa pesquisa, procuramos abordar o patrimônio em perspectiva próxima da proposta pelo historiador François Hartog (2013, p. 197), balizada na classificação feita pelo também historiador Krzysztof Pomian em que propõe pensar os objetos do patrimônio como “semióforos: objetos visíveis investidos de significação”. Sobre isso, Hartog (2013, p.197) tece os seguintes comentários:

O fato de que patrimônio e temporalidades estejam indissoluvelmente ligados é uma evidência, já que o patrimônio é a reunião dos semióforos criada por uma sociedade, em um dado momento (e por um momento). Eles traduzem então o tipo de relação que uma sociedade decide estabelecer com o tempo, na qual a dimensão do passado conta. Trata-se, porém, de um passado do qual o presente não pode ou não quer se desligar completamente. Quer se trate de celebrá-lo, imitá-lo, conjurá-lo, de extrair prestígio dele ou apenas de poder visitá-lo.

Nessa direção, a compreensão dos motivos que tornam o cangaço significativo para determinados sujeitos transita, primeiramente, pelo entendimento dos significados que

atribuem, constroem e acreditam. Estes, não raramente, desvelam tensões que permitem pensar na dimensão plural das identidades nordestinas. Observando novamente, as três experiências em questão, várias possibilidades entre as memórias do cangaço e as ditas identidades nordestinas podem ser notadas.

Rosembeg Cariry, em sua politização do cangaço na *A Saga do Guerreiro Alumioso* ensaiada através dos conselhos da personagem Genésio para a personagem Baltazar, que não é muito afeiçoada às inspirações nas histórias de cangaceiros em relação às lutas políticas cotidianas pela reforma agrária, sinaliza:

Ô caba besta esse Baltazar. Violência se resolve com violência. Podia se mirar no exemplo de Jesuíno Brilhante, maior cangaceiro que esta terra pariu. Jesuíno Brilhante, caba macho que lutava em defesa do povo e castigava quem roubava honra de moça donzela. Seu bacamarte falava pela justiça. Morreu Brigando no campo da honra que num era home de se entregar a macaco do governo, aquilo é que era o cangaceiro, cabra macho. Jesuíno Brilhante. (...) Baltazar, se mire no exemplo de Lampião, só o sangue pode vingar a pobreza do povo. Cuidado na vida. (CARIRY, 1993, 34': 00).

Daniel Lins, em sua tentativa de compreensão da heroificação dos cangaceiros por alguns sertanejos, ao ser perguntado na entrevista que concedeu ao jornal *O Povo* sobre “quais seriam então as correspondências mais evidentes entre Lampião e o mito heroico grego?”, responde:

Alguns aspectos não correspondem. Mas veja um exemplo: Lampião tinha medo da polícia. Ele nunca a atacava, só se defendia. Isso é típico do herói grego, que se posiciona não no ataque, mas na defesa. Depois vem o lado doce de Lampião, o lado feminino, normal em todos os homens, que se manifestava notadamente nas roupas que ele criou, aquelas botas maravilhosas que ele fez, o fato de ele costurar, de andar com aquela máquina Singer, hoje num museu. Na visão brasileira, nordestina sobretudo, Lampião seria “o macho”. Como compreender essa feminilidade de Lampião, que logicamente não passava pelo lado afeminado nem homossexual? A feminilidade de Lampião o integra ao mundo dos heróis. Ela não vai tocar na sua virilidade, mas enaltecer-lhe o lado lúdico (LINS, 1993, p. 4B).

Hilário Lucetti, em sua insatisfação com o fato de que “bandoleiros terríveis, desaparecidos há pouco mais de meio século, são hoje louvados por raros atos de benevolência”, faz a seguinte ponderação:

Que não passem para a história como ídolos de um povo aqueles que dedicaram toda uma vida à guerrilha, saques, estupros e morticínios,

deixando-se de lado os verdadeiros, que dedicaram sua existência à causa do trabalho e paz (LUCETTI & LUCENA 1995, p. 12).

Em geral, essas variadas reconstruções da memória do cangaço parecem desvelar uma multiplicidade de combates pelas identidades nordestinas. Diante desse emaranhado, visto a partir de certas experiências, ao menos alguns fios de sentido: percebemos que todos esses movimentos de busca, registro, reconhecimento e difusão da memória do cangaço, devido suas práticas de valorações regionais, parecem convergir em direção à fabricação direta ou indireta de um patrimônio cultural nordestino. Entretanto, mesmo que a memória seja transformada em patrimônio por uma múltipla fusão de significados, alguns destes mesmos sentidos que o conformaram historicamente, afora os que o implodem, entram em confusão com identidades nordestinas cristalizadas.

Referências:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

ARAÚJO SÁ, Antônio Fernando. **O Cangaço nas batalhas da memória**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2011.

BARBALHO, Alexandre. **A modernização da cultura. Políticas para o Audiovisual nos Governos Tasso Jereissati e Ciro Gomes (Ceará, 1987 - 1998)**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2005.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto**, não ficção, cor, 16mm, 78 min, 1986.

_____. **A Saga do Guerreiro Alumioso**, ficção, cor, 35mm, 94min, 1993.

_____. **Corisco e Dadá**, ficção, cor 35mm, 96 min.

CLEMENTE, Marcos Edilson de. **Lampiões Aceso: o cangaço na memória coletiva**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2009.

_____. O cangaço e as formas de poder republicano. In: _____. **leituras da história**. Ano IV, edição 58, caderno história em perspectiva, p. 1 -16. São Paulo: Editora escola, 2013.

DE DECCA, Edgar S. Memória e Cidadania. In: SÃO PAULO (cidade). **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.

DOSSE, François. História social da memória. In: ____ **A História**. Bauru: EDUSC, 2003.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. Rio Grande: **Historiae**, 3 (3), p. 27 - 46, 2012.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9 - 40.

JELIN, Elizabeth. ¿Quiénes? ¿Cuándo? Para qué? Actores y escenarios de las memorias. In: **El Estado y la Memoria**. Barcelona: RBA Libros, 2009, p. 117 - 150.

KOSSELEK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

LINS, Daniel. In: ALBUQUERQUE, C. Rei do cangaço vira objetos de tese na Europa. *Jornal O Povo*, Fortaleza, p. 4-B. 11 abr, 1993.

_____. In: PAULA, Ethel de. Cangaço, ética e estética. *Jornal Diário do Nordeste*, Fortaleza, p. 7. 02. Mai, 1995.

LUCETTI, Hilário. & LUCENA, Magérbio. **Lampião e o Estado maior do Cangaço**. Crato - CE: Craturismo, 1995.

MELLO, Frederico Pernambucano. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

NEVES, Frederico de Castro. **Imagens do Nordeste: a construção da memória regional**. Fortaleza: SECULT, 1994.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos Nogueira. Tempo, patrimônio e políticas de preservação no Brasil. In: Idem & Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho (orgs.). In: **História e Historiografia: perspectivas e abordagens**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014, p. 60 - 68.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAMOS, Régis Lopes. Posfácio. In: XAVIER, Patrícia Pereira. **Dragão do mar: a construção do herói jangadeiro**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

REGIS, Iza Luciene Mendes. **Luz, Câmera, Sertão: bravura e fé na cinematografia de Rosenberg Cariry (1986-1996)**. 2004. 178 f.. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará.

RODRIGUES DA SILVA, Helenice. “Rememoração/Comemoração: as utilizações sociais da memória” Universidade Federal do Paraná. *Rev. Bras. Hist.* vol.22 n°. 44, p. 425 – 438. São Paulo, 2002.

SARLO, Beatriz. **Cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

VARELLA, Flávia Florentino et al (orgs.). **Tempo presente & usos do passado.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Palavra e imagem: memória e escritura.** Chapecó: Argos, 2006, p. 67-90.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 1 - 72.